



A Doutrina do Mel, a condição comunicacional e a verdade: Sobre a requalificação clínica da capacidade de julgar

The *Honey Doctrine*, communicational condition and truth: on the clinical requalification of one's capacity to judge

Evandro Vieira Ouriques¹

evandro.vieira.ouriques@gmail.com

Resumo: O artigo trata da íntima relação entre alguns dos princípios fundamentais da filosofia indiana, da qual minha obra é altamente tributária, e o que venho desenvolvendo ao longo dos anos sob a denominação de *Terceira Estrutura da Verdade*: uma abordagem não-metafísica e não-pós-moderna da condição comunicacional do ser humano, que envolve uma predisposição mental para a segurança e proteção, em um movimento incessante de originação co-dependente e solidária e, portanto, de cooperação não-dual entre todos os entes. Nesse contexto, o artigo sustenta a emancipação psicopolítica de psiquismos e de redes de psiquismos, as instituições, o que depende, em última instância, da requalificação terapêutica da capacidade de julgar. Aqui, entro em diálogo com a abordagem de Dilip Loundo da filosofia indiana dos *Upaniṣads*, apresentada em seu livro *Razão com sabor de mel: ensaios de filosofia indiana* (Loundo, 2022). Segundo Loundo, enquanto a razão filosófica ocidental moderna é basicamente de caráter instaurativo –isto é, visa produzir um discurso positivo sobre a Realidade, do que ela é ou deveria ser, o que impõe àqueles que assim pensam as aflições mentais de supostamente ter nascido e morrer sem âncora– a razão filosófica indiana dos *Upaniṣads* é dotada de “sabor de mel” (*madhu*), ou seja, é basicamente de caráter esclarecedor, instruindo sobre o que a realidade não é, e aproximando-se, conseqüente e notavelmente, das filosofias pré-socráticas, especialmente da “escuta” amorosa de Heráclito em relação à Verdade (*aletheia*) –a Verdade como Realidade; e das filosofias dos principais representantes da Escola de Kyoto. Em síntese, a própria essência dos *Upaniṣads* poderia ser descrita como *madhu-vidyā*, a “doutrina do mel” (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*).

Palavras-chave: Madhu; Condição comunicacional; Verdade; Escola de Kyoto; Teoria Psicopolítica

1 Evandro Vieira Ouriques é diretor do Núcleo de Consciência, Teoria e Clínica Psicopolítica/ Escola de Comunicação/UFRJ, Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/UFRJ e Titular da Cadeira Evandro Vieira Ouriques de Comunicação, Teoria Psicopolítica y Emancipación/Universidad de La Frontera y Universidad Austral de Chile

Abstract: The article deals with the intimate relationship between some of the fundamental tenets of Indian philosophy, of which my work is highly tributary, and what I've been developing over the years under the denomination of *Third Structure of Truth*: a non-metaphysical and non-postmodern approach to the communicational condition of human being, which involves a mental predisposition towards security and protection, in an unremitting movement of co-dependent origination and solidarity, and thus non-dual co-operation among all entities. In this context, the article argues in favour of a psychopolitical emancipation of psyches and networks of psyches and institutions, that ultimately depends on the therapeutic requalification of one's capacity to judge. Here, I enter into a dialogue with Dilip Loundo's approach to the Indian philosophy of the *Upaniṣads*, as presented in his book *Reason with Honey Flavour: Essays on Indian Philosophy* (Loundo, 2022). According to Loundo, while modern western philosophical reasoning is basically of an instaurative character – i.e., it aims at producing a positive discourse about Reality, of what it is or should be, that imposes on those who think likewise the mental afflictions of supposedly being born and dying anchorless – the Indian philosophical reasoning of the *Upaniṣads* is endowed with “honey flavour” (*madhu*), i.e., it's basically of a clarifying character, instructing one on what reality is not, and coming, as a consequence, remarkable closer to pre-Socratic philosophies, especially Heraclitus's amorous “listening” to the Truth (*aletheia*), the Truth as Reality; and the philosophies of the main representatives of the Kyoto School. In synthesis, the very essence of the *Upaniṣads* could be described as *madhu-vidyā*, the “honey doctrine” (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*).

Key-words: Madhu; Communicational condition; Truth; Kyoto School; Psychopolitical Theory

‘Não tenhas medo, não tenhas medo, ó tu, de nobre nascimento!’

Trato² da relação entre uma *Terceira Estrutura da Verdade*, não-metafísica e não-pós-moderna, a qual me dedico, baseada na *condição comunicacional do ser humano* – constituída que é pelo estado mental³ da segurança e proteção, no movimento incessante da co-originação dependente e da co-operação solidária, e assim não-dual, de todos os entes- e a filosofia indiana, da qual meu trabalho é tributário, e de como

2 Este artigo nasce da comunicação que tive a oportunidade de apresentar, por sugestão de Dilip Loundo e decisão da coordenação do GT de Filosofia Oriental da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Filosofia-ANPOF, no XIX Encontro daquela Associação, realizado pela Universidade Federal de Goiás e seu Programa de Pós-graduação em Filosofia e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, de 10 a 14 de Outubro de 2022. Em parte este artigo conversa com dois outros artigos meus: *A condição comunicacional do ser humano e o rosto da sombra: sobre a terceira estrutura da verdade e a terapia filosófica*, publicado pelo Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, 12 (2019): 13-45; e *Sobre a contribuição da obra de Marcelo Serpa para a Teoria Psicopolítica*. Prólogo. in Serpa, Marcelo (2022). Elecciones espectaculares: como Chávez conquistó Venezuela. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen IV. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile.

3 Quando estou falando de *mente* refiro-me, por exemplo, à doutrina *hsin shu*, *A Arte da Mente*, da Escola de Ch'i, para a qual *mente* não é o cérebro nem o coração mas uma *mente* dentro da *mente* que está para o ser humano como o sol está para o céu. É ela que governa o corpo, cujos componentes são ministros.

a emancipação psicopolítica, portanto dos psiquismos e das redes de psiquismos, as instituições, depende da requalificação terapêutica da capacidade de julgar.

Aqui o faço em conversa com o entendimento de Dilip Loundo, em especial em seu livro *Razão com sabor de mel*⁴ (Loundo, 2022), de que enquanto a razão no Ocidente é instaurativa -um discurso positivo sobre a realidade que quer dizer o que ela é ou deveria ser, fazendo sofrer aquele que assim pensa dadas as aflições mentais⁵ por nascer e morrer sem controle- a razão filosófica indiana tem “sabor de mel”, pois razão esclarecedora do que a realidade não é, e que por isso a aproxima da filosofia pré-socrática, em especial de Heráclito de Éfeso, e sua escuta de *alétheia*, da *verdade* como a *realidade*, como estado descritivo objetivo, assim como da Escola de Kyoto. Neste sentido, a própria essência dos Vedas⁶ é chamada de *Madhu*, ou seja, a “doutrina do mel”.

Isto ocorre porque o objetivo desta razão com sabor de mel, ao escutar a *verdade* como a *realidade* com uma escuta de quem à ela pertence, é dissipar os erros de conhecimento do ser humano em seu senso comum. Portanto, compreendo, a razão na filosofia indiana, em especial a das tradições hinduístas do Vedanta⁷ e das tradições budistas do Mahayana, não é nem especulativa nem restrita a um diagnóstico, ou a uma crítica cultural, e, sim, visa conduzi-lo à *sabedoria* (*jnāna*) e à *felicidade* (*ānanda*) existenciais, dependurado que ele está, como *ser-o-aí*, na *vacuidade* (*śūnyatā*); dependurado no *Nada* e assim tensionado entre a angústia provocada pela *ignorância* (*avidyā*) em relação à experiência constitutiva da multiplicidade e da transitoriedade e a requalificação terapêutica, portanto clínica, da capacidade de julgar (Poulain, 2017).

Dito de outra forma, a emancipação psicopolítica ou o objetivo soteriológico dependem da qualidade emancipatória do *território mental* (Ouriques, 2009) do ser humano, para que este seja, paciente e cumulativamente, cristalino, apurada hermenêutica prática e experimental que permite a sua recondução a um estado de saúde, entendida aqui como a capacidade de viver a experiência em comum de

4 Loundo decidiu pelo título desse seu livro derivando-o de sua fonte narrativa original, ou seja, o capítulo *Madhubrāhmaṇa* do *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, uma das primeiras escrituras *Upaniṣads* do hinduísmo, estimada ter sido composta por volta de 700 AEC, e que é chave para várias escolas hinduístas.

5 No budismo, o *Senhor da Morte*, *chi bdag* é um demônio que expressa um poder interno, pois é a força dos próprios atos e aflições mentais que o ser humano causa a si próprio diante da realidade de que nasce e morre sem controle.

6 A tradição dos Vedas, o das quatro obras que o compõem -Rigveda (ऋग्वेद), Yajurveda (यजुर्वेद), Samaveda (सामवेद) e Atarvaveda (अथर्ववेद)-, que chegam a ser datadas em sua forma escrita em até 2.000 AEC, foram classificadas pela UNESCO em 2008 como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Ainda de acordo com a UNESCO, o Rigveda é um dos os pilares do conhecimento sobre os quais a superestrutura da cultura asiática é construída e é considerado o documento literário mais antigo do mundo (file:///Users/evandrovieiraouriques/Downloads/india_rigveda.pdf).

7 Tradição espiritual dos *Upaniṣads* (comentários sobre a finalidade e a essência dos *Vedas*, também conhecidos como *Vedānta*, datados aproximadamente do período entre os séculos XVI e VII AEC) dedicada principalmente ao conhecimento da real natureza da realidade.

força, vitalidade e florescimento, o que depende, afirmo, da experiência da verdade, de uma verdade transvalorada, não-metafísica e não pós-moderna, portanto de proporcionalidade comunicacional.

Esta requalificação demanda, concordo com Nietzsche neste ponto crucial, uma *medicina da cultura*, uma *filosofia médica*, fisiopsicológica, portanto um *pensamento respiratório*, como sustento com a teoria e terapia psicopolítica na longa conversa clínica que mantenho com o Yoga e a Yogaterapia⁸, que promova a dessubstancialização da existência independente da consciência da co-originação dependente (*pratīyasamutpāda*).

Dito de outra forma, esta requalificação demanda uma terapia de ordem filosófica, concordando portanto por exemplo com Epicuro, Epicteto e Sêneca no sentido da potência terapêutica da filosofia, que promova, digo eu, o exercício não-dualista do discernimento analítico do Real (*bhūtapratyavekṣā*), o que é oposto tanto ao anti-racionalismo ocidental quanto às formas daí deviradas e equivocadas de meditação.

É apenas ele, o discernimento analítico do Real, que indica previamente a pista, como mostra *Kamalaśīla*⁹, na qual os ensinamentos do mestre e da reflexão com ele entabulada estão preparados para serem, e então podem ser, realizados através da meditação (*bhāvana*), na qual o ser humano experimenta -quando emerge o “renascimento das profundezas ‘com uma grande saúde’ e ‘com uma segunda e mais perigosa inocência’” (Nishitani *apud* Parkes, 2013:197)- o estado de *preman*, de *união amorosa*.

Assim é que no exercício da razão esclarecedora, da razão com sabor de mel, que escuta *alétheia*, que o ser humano pode desistir de compreender a vida como um empreendimento vazio, absurdo e sem valor, para o qual seria urgente instaurar um sentido, propósito, justificacão, cura, salvacão, enfim, uma redencão qualquer, o que no limite chama os fundamentalismos e seus autoritarismos, seja dos econômicos aos religiosos que, todos, têm o mesmo fundamento devocional perverso. É da mesma forma, e no mesmo sentido, que o ser humano liberta-se de conformar-se com o sofrimento de aceitar a própria vida sem qualquer sentido ou justificacão, o que implica, como muitos que seguem a razão instaurativa pensam, rejeitar a necessidade de toda e qualquer forma de salvacão, redencão ou terapia.

Se há quem defenda que a terapia de Nietzsche se configurará, essencialmente, como uma terapia da própria terapia, o processo terapêutico clínico como o conduzo, fundado na condição comunicacional do ser humano e que conversa amplamente com a *alétheia* de Heráclito e a razão com sabor de mel que nos é trazida por Loundo, assim como com a Escola de Kyoto, logo veremos, permite superar a ineficácia e os efeitos secundários de terapias anteriores, mas, principalmente, e a um nível mais profundo, a eliminacão da desolacão e desamparo daqueles que estão convencidos

8 Principalmente na interaçãõ com a yogaterapeuta Estelita Oliveira de Amorim Ouriques, desde 1997.

9 Um dos autores Madhyamaka (da filosofia e prática budista criada por Nāgārjuna e que teve grande influênciã na tradiçãõ Mahāyāna) mais importantes do budismo indiano tardio. O pouco que se sabe sobre a vida dele vem de fontes tibetanas (Loundo, 2022:309).

da necessidade de eliminar a própria necessidade de toda e qualquer forma de terapia diante de um sofrimento insuperável gerado, como disse anteriormente, por rebelar-se contra a realidade de nascer e morrer sem controle.

Não é à toa que o conformismo em relação ao sofrimento ao qual leva a razão instaurativa emerge também no fato, como sabemos, de que a violência tem sido compreendida na filosofia ocidental há muito tempo como aspecto fundamental da condição humana, por exemplo no tocante tanto à relação entre soberania e guerra quanto ao uso dela para propósitos revolucionários, e que talvez a partir de 1921, com o ensaio “Crítica da Violência” de Walter Benjamin, ela passou a ser tema de questionamento explícito em pensadores subsequentes naquele século e no presente XXI, como por exemplo em Agamben, Arendt, Benjamin, Butler, Castoriadis, Derrida, Fanon, Gramsci, Merleau-Ponty, Sartre e Schmitt (Rae & Ingala, 2019), envolvendo os mais diversos campos do conhecimento.

Tais reflexões, se concordamos com Gavin Rae e Emma Ingala, estão organizados, de forma geral, ao redor de dois eixos conceituais principais: em primeiro lugar, o fato de que a violência não pode ser reduzida à guerra ou à sua forma física e que, em segundo lugar, a violência é constitutiva das relações intersubjetivas, das instituições, da linguagem, da lógica e da subjetividade, pois ao contrário de ser um fenômeno local e contingente, ela é um aspecto ubíquo, e portanto não apenas repressivo e negativo, mas até mesmo necessário e criativo, afirma-se, da condição humana.

No entanto, a ascensão dos totalitarismos neste mesmo século XXI recoloca a questão de como pode-se saber que uma determinada violência é criativa ou é destrutiva. Pois caso contrário o sofrimento por ela imposto agrega-se à torrente de sofrimentos já conhecidos e que alimentam o ressentimento característico do Ocidente hegemônico. Retornamos assim ao lugar do qual o Ocidente hegemônico tem tido imensa dificuldade de sair: o da verdade. No caso, o de uma terapia fundada na verdade, a que pulsa na *condição comunicacional do ser humano*, como desdobramento da condição comunicacional da realidade:

Em todo o Livro dos Mortos tibetano, seja do tipo celestial ou infernal, a alma é aconselhada pelo lama assistente a reconhecer como projeções de sua própria consciência todas as formas vistas; e quando as cenas do inferno estão prestes a surgir, o lama diz: ‘Não tenhas medo, não tenhas medo, ó tu, de nobre nascimento! As Fúrias do Senhor da Morte colocarão uma corda em volta do teu pescoço e o puxarão; cortarão a tua cabeça, extrairão teu coração, arrancarão teus intestinos, sugarão teus miolos, beberão teu sangue, comerão tua carne e roerão teus ossos; mas em realidade, teu corpo é da natureza do vazio; tu não precisas ter medo. [...] Não fiques aterrorizado; não fiques assustado. Se todos os fenômenos existentes -que brilham e se irradiam como formas divinas- forem reconhecidos como emanações da própria mente, o Estado de Buda será alcançado nesse mesmo instante. [...] Aquele que reconhecer suas próprias formas-pensamento através de um ato importante e

através de uma palavra, atingirá o Estado de Buda'. E com esta visão tão terrível quanto libertadora, despida de qualquer enfeite, visão consumada de todas as coisas, concluo em silêncio. O néctar do fruto da árvore do jardim que o homem ocidental ou, pelo menos um número notável deles, não experimentou (Campbell, 1994:401).

É como disse Enrico Sbriccoli, mais conhecido como Jonny Fontana, na preciosa canção em parceria com Carlo Pes, de 1965, *Il Mondo*:

“(...)

Ho aperto gli occhi per guardare intorno a me

E intorno a me girava il mondo come sempre

Gira, il mondo gira nello spazio senza fine

Con gli amori appena nati

Con gli amori già finiti

Con la gioia e col dolore della gente come me

Oh mondo

Soltanto adesso, io ti guardo

(...)”¹⁰

O fato psicopolítico elementar: o comum é o-que-é-com

Vejamos um pouco mais detidamente:

Num famoso papiro datado de 2000 AEC, e intitulado *Diálogo de um Misanthropo com sua Alma* (*id.*:115), lê-se em um trecho -que trago aqui uma vez que a misantropia ou tomou ou aproxima-se mais uma vez perigosamente do centro do poder neste primeiro quartel do século XXI, e tende a acompanhar os tempos vindouros que podemos imaginar, pois é um perigo cíclico, malgrado a teoria social e a filosofia hegemônicas no Ocidente, como as economias políticas e os estudos culturais e socioculturais, tenham garantido a terem extirpado de tal maneira que ela não voltaria. Diz o misantropo em um trecho deste diálogo com sua alma:

“Com que posso falar hoje?

O homem gentil sucumbiu;

O atrevido anda em toda parte.

[...]

Com que posso falar hoje?

A iniquidade assola o país;

Ela não tem fim.”

10 “Abri os olhos para ver ao meu redor/E em torno de mim girava o mundo como sempre/Gira, o mundo gira no espaço sem fim/Com os amores recém-nascidos/Com os amores já terminados/Com a alegria e com a dor de gente como eu/Oh, mundo/Somente agora eu te vejo”.

Como dedicamos, digo eu, nossas vidas a superar a misantropia (deduzo isto por você estar aqui acompanhando este argumento) quero lembrar duas coisas:

A primeira é que o fato da dose de verdade que nós, seres humanos, somos capazes de suportar ser menor do que gostaríamos de crer isto não pode ser justificativa a favor do erro e da ilusão.¹¹

A segunda é que o que está no fundo e na superfície do que toco, uma ontologia não-dual -a base da renovação da teoria social e da filosofia que sustento desde 2004 com a teoria psicopolítica e sua metodologia, a terapia filosófica, no sentido de que se obtenha a emancipação humana que até aqui se quis com a metafísica clássica e a pós-modernidade- demanda uma perseverante paciência, generosidade, gratidão e celebração que só o amor, este outro nome da comunicação, permite.

O fato é que temos 24 séculos de dualismo incorporados, desde que Aristóteles consumou, com seu *hiperparadigma* (pois levou ao *hiper* o paradigma clássico sofisticado-platônico), a filosofia grega clássica. E ele o fez contra a ontologia não-dual dos pré-socráticos, penso em Heráclito, nascida, como sabemos, nas colônias gregas da Ásia Menor a partir das experiências humanas cotidianas e não da tradição mítica. Assim Aristóteles fundou a filosofia grega clássica com a estrutura histórica do real, a estrutura da metafísica clássica -haveria, como exauridamente sabemos, um real fora do ser humano que caberia conhecer sua verdade através da representação e a ele adequar-se, a este absoluto outro.

Como decisiva reação ao perigo desta estrutura, facilmente capturada pelo sacerdote e pelo soberano (por porta-vozes do *Fora*), também sabemos, os pós-modernos foram ao polo dualista oposto. E assim cada ser humano passou, ele mesmo, a ser o centro do mundo; a criar sua própria verdade, o que trouxe conquistas interessantíssimas, claro, mas trouxe junto a impossibilidade de escapar da *pós-verdade*, do *pós-humano*, da *pós-história*, e encontrar o *comum*, tendo acabado, apesar das imensas conquistas que nos permitiu, por fortalecer o projeto neoliberal e a pandemia mental da guerra das narrativas, na qual quem vende é o mais forte.

A superação destas duas estruturas da verdade demanda um empenho importante de observação crítica dos *estados mentais* (pensamentos-afetos) que emergem ao se escutar a possibilidade de uma *Terceira Estrutura*; o que pede visitar com cuidado o *museu interno*, no qual estão expostos os pensamentos-afetos que foram absorvidos e seguem sendo reforçados na formação cultural na qual se emergiu, ou seja, nos *aparelhos psicopolíticos da cultura* (Ouriques, 2017), e que cada um, cada uma, utiliza como referência para a capacidade de julgar, esta que é a capacidade propriamente humana, pois o “comum é a todos o pensar” (Heráclito *apud* Souza, 1978:90), pois “fazer é pensar” (Sennet).

Olhemos juntos por gentileza então duas placas que podem ajudar a caminhada soteriológica, a caminhada emancipatória:

¹¹ <https://roqueesr.fr/20210516/>

A de Freire, que mostra que raro são os subjugados que ao emergirem de processos de subjugação não o fazem oprimindo outros¹², inconscientemente ressentidos da “sombra testemunhal do antigo opressor”, que internalizaram de maneira psicopolítica e tornou-se incorporação (*Einverleibung*) de um modelo de ser humano (Freire, 2018:66-67) instalado em seus territórios mentais e, assim, o poder causal que o determina a repetir os regimes de servidão, em espantosa *servidão voluntária*, atitude, como todo oxímoro, aguçadamente estúpida¹³. Esta doença, digo eu, é o comprometimento da capacidade de julgar, na qual o ser humano, ao questionar o caráter emancipatório ou não do perceber que percebe o que percebe, torna-se capaz de fazer o mundo lhe falar de maneira favorável, evitando a areia movediça formada pela convergência das violências privadas, estatais e estruturais-que provocam o único e comum horizonte ontológico da redução do ser. Dito de outra forma, o problema é a qualidade emancipatória ou não da capacidade de julgar com a qual se referencia a ação, “pois a palavra do pensar reside em trabalhar pela lucidez aquilo que ela diz” (Heidegger, 1978:123), tornando-nos reprodutores ou não dos regimes de servidão;

Agora olhemos a placa de Nietzsche. Com sua inflexão radical destinada a emancipar o ser humano do jugo da autoridade da metafísica clássica (para estabelecer o humano como o legislador de si mesmo, portanto não mais como adequação à uma essência pré-existente para ele narrada pelos referidos sacerdote e pelo soberano como dever de não pensar, “menos ainda de falar”) ele não elimina todos os valores. Não elimina a ética como muitos relativistas, céticos e niilistas supõem que ele teria feito neste mundo no qual a *pós-verdade*, a *disputa de narrativas*, as *fabulações*, acabaram generalizadas, produzidas e aceitas como verdade por *fakeminds* (Sarcinelli *et alli*, 2020). Nietzsche estabeleceu, em seu trabalho tardio, a necessidade não do desaparecimento de fundamentos, mas a de partir-se, em uma transvaloração do apresentado pela tradição metafísica como absoluto, como o *homem ideal*, de fundamentos diferentes daqueles que até então vigoraram, “por milênios inteiros da humanidade”. Em suas próprias palavras: “Não nego, como é evidente, que muitas ações, chamadas antiéticas, devem ser evitadas e combatidas; e assim também que muitas, chamadas de éticas, devem ser realizadas e perseguidas; no entanto, acho que em ambos os casos devemos partir de fundamentos diferentes daqueles que existiram até agora”¹⁴ (*apud* Stellino, 2011). E ele conclui este seu

12 O 1º Seminário Internacional de Teoria Psicopolítica e Consciência, realizado em 2014 sobre este tema, reuniu um grupo de lideranças de Coletivos do Rio de Janeiro com pesquisadores, jornalistas e psicoterapeutas e tratou de como superar esta sombra que permanece no *território* mental e compromete a emancipação dos psiquismos e de suas redes, os movimentos e instituições, vale dizer, todas as “boas intenções”: https://www.academia.edu/38321447/Programa_I_Seminário_Internacional_Psicopol%C3%ADtica_e_Consciência_Para_Superar_a_Discriminação_Brasil_na_Universidade_Federal_do_Rio_de_Janeiro_Setembro_de_2014

13 É oxímoro por relacionar conceitos contrários, uma vez que a *vontade*, que é sempre livre, é aqui relacionada com a *servidão*, o seu oposto.

14 Tradução livre do autor. “Io non nego, come va da sé, -che molte azioni, dette non etiche, si-

aforisma 103 afirmando: “Devemos mudar a nossa maneira de ver -para chegar finalmente, talvez demasiado tarde, a mudar nossa maneira de sentir” (Nietzsche, 2007: 97-98).

Em uma versão pós-moderna dos antigos ídolos de Bacon, a *mente* [entendido o *corpo*, com Blake¹⁵, como a parte da mente percebida pelos sentidos e a mente como o exercício da capacidade de julgar incorporada, a capacidade propriamente humana, com (Poulain, 2017)], e portanto a maneira de ver-sentir-pensar, permanece bloqueada ou pelo nihilismo pós-moderno ou por um fundo metafísico que aflorou com os fundamentalismos ou que resiste disfarçado mesmo na pós-modernidade, como evidenciado na promessa de que as redes sociais seriam a garantia do vigor da democracia, apesar de todos os avisos, dentre os quais estão os meus próprios, por escrito, sobretudo desde 2004.

É isto o que mais se vê, ouve e se lê: uma tagalerice de impotentes reclamações e de aderências a simulacros de comunidades, reduzidas a clubes (Melman, 2003), a nos demandar o exercício da compaixão e, em alguns casos, a tristeza de ver pessoas que amávamos levadas, como uma vez Guy Débord a este fato se referiu, a “uma capitulação visível”¹⁶, mesmo quando falam com certeza dogmática de caminhos que a história já demonstrou serem falsos.

O responsável pelo bem e pelo mal para grande parte dos seres humanos na atualidade é sempre um *outro*: a “sociedade”, a “história”, o “capitalismo”, o “1%”, as “elites”, o “comunismo”, os “pobres”, os “políticos”, os “árabes”, os “pretos”, os “brancos”, o “marido”, a “mulher”, o “imigrante”, a “cultura digital”, os “músculos”, o “futebol”, o “patrimônio”, o “patrão”, o “divino” -em suma, uma infundável série de etcéteras de “eles” e “elas” que os sujeitos estão auto-convencidos em rede que os legislariam, pois atribuem a tais *identidades para o extermínio* (Misse, 2018) e *identidades para a salvação* a fonte de referência para o *quefazer* com o poder vital que se é ao *ser-aí, junto-com-outros*, no vigor da *condição comunicacional do ser humano*. Na qual o biológico e o histórico não constituem sequência, como no evolucionismo dos antigos sociólogos, mas estão sincronizados, como queria Foucault¹⁷: a cópula (multigênero), a gestação, o parto e o cuidado com o outro, portanto a condição

ano da evitare e da combattere; e così pure che molte, dette etiche, debbano essere compiute e perseguite; però penso che nell'uno come nell'altro caso si debba partire da fondamenti diversi da quelli esistiti fino ad oggi.” *apud* Stellino, Paolo (2011). *Consequenze pratiche del prospettivismo nietzscheano*. in Gori, & Stellino, Paolo (ed.). *Teorie e pratiche della verità in Nietzsche*. ETS: Pisa. pp. 125-145.

15 Blake, William (circa 1868). *The marriage of heaven and hell (a song of liberty)*. A hand-coloured facsimile, made in 1868, of Blake's original probably created in 1790. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/the-marriage-of-heaven-and-hell-by-william-blake>

16 Débord, Guy (2003). *Introdução a uma crítica da geografia urbana*. in Jacques, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Casa da Palavra: Rio de Janeiro. pp. 39-42.

17 Ver Foucault, Michel (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Edições Graal: Rio de Janeiro.

comunicacional não têm um *Fora*. O ser humano não é, assim, “parte” da natureza, mas um “limite” da natureza (Massumi, 2017). Nada está *Fora*.

A *condição comunicacional do ser humano*, parafraseando o *fato social elementar*¹⁸ de Gabriel Tarde (a *psicologia intermental* e as correspondentes relações conscientes entre muitos indivíduos) é o *fato psicopolítico elementar*: o fato “verdadeiramente explicativo”, por que *é-aí* em que se surpreende o vivo, e o vivo surpreende; onde se produzem os movimentos reais. Ou seja, os atos dos seres humanos em relação aos outros, e os atos de todos os entes, impulsionados pela vontade de viver, pelo *conatus* espinosiano, por exemplo – “isto é, o *comum*; pois o *comum* é o-que-é-com” (Heráclito *apud* Souza, 1978:79).

Não há nada no mundo que surja do “autopoder”

Por isto, vale determo-nos um pouco na grande cisão presente no final do século XIX entre *determinismo* e *livre-arbítrio*, vale dizer, entre Gabriel Tarde e Émile Durkheim. Essa dissociação dualística entre *sujeito* e *real*, entre determinismo e livre arbítrio, está longe da microsociologia de Tarde, com sua interpsicologia, a referida psicologia intermental, ou a psicologia social, e da Teoria Psicopolítica, já que o que conta nelas não são os “indivíduos” ou a “sociedade”, mas sim as micro-relações de repetição, oposição e adaptação que se ocorrem nos *indivíduos-com-outros*, portanto, no plano supra-individual e infra-social, em que a distinção entre o “social” e o “individual”, entre o “público” e o “privado”, o “político” e o “psíquico” perde toda a nitidez perante o fato da realidade ter uma co-originação dependente, uma ontologia não-dual.

É assim que, para Tarde, não existem unidades compactas fechadas em si mesmas, mas solidariedade social, construída no contágio imitativo e na simpatia natural, inata, na empatia dos indivíduos, que é o oposto da “força” da coerção social destacada por Durkheim. É assim que a também a ciência eleitoral confirma (Sarpa, 2022), no IV volume de nossa coleção dedicada à Teoria e Terapia Psicopolítica¹⁹, que o fator determinante na produção de resultados é a capacidade de empatia. Isso é gravíssimo para quem segue o cânone durkheimiano e busca a emancipação, pois esse cânone é exatamente o oposto daquilo em que se baseia a estratégia eleitoral, que trabalha a espetacularização da empatia pelo candidato, desencadeando-o da predisposição individual e suas inter-relações com ela.

Embora a proposta filosófica de Durkheim, como se sabe, tenha vencido esse debate e acumulado capital social suficiente durante o século XX para se tornar um

18 O *fato social elementar* como compreendido por Gabriel Tarde refere-se ao fato de que ciências atingem a maturidade quando, nos objetos que lhes são respectivamente próprios, descobrem e compreendem as verdadeiras repetições, oposições e adaptações. Entendo que a *condição comunicacional* é lugar das repetições, oposições e adaptações.

19 Uma co-edição da Universidad de La Frontera / Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Brasil, Universidade do Porto / Portugal, Universidad Nacional de La Plata / Argentina y Universidad de Groningen / Holanda: <https://ufrj.academia.edu/EvandroVieiraOuriques/Colección-Teor%C3%ADa-Psicopol%C3%ADtica>

dos cânones mais importantes da sociologia moderna e, por extensão, da teoria social hegemônica, uma virada no sentido de Tarde foi registrada já no século XX, por exemplo, com a *microfísica do poder* de Foucault, a *filosofia da diferença* de Deleuze e a *teoria ator-rede* de Bruno Latour²⁰, virada que se aprofundou especialmente desde o início dos anos 2000.

Muitos críticos de Durkheim afirmam que ele constituiu uma sociologia sem sujeito ao deificar o “social” e quase enfatizar uma primazia ontológica do coletivo sobre o individual, ou seja, essa forma tão familiar de que o poder consistiria em ser dominado por um poder externo ao ser humano, um poder que, como instância simbólica mais rica e complexa, o distanciaria de sua tendência natural à autonomia.

Tarde fez exatamente o caminho inverso. Marcel Mauss, por exemplo, entendeu isto. Para ele, se Durkheim eliminou a relação indivíduo-sociedade ao enxergar apenas a coerção social do segundo sobre o primeiro, e assim Mauss concentrou seu trabalho na necessidade de perceber essa relação psicológico-sociológico de forma integrada, de maneira a perceber a multicausalidade e a conectividade dos fenômenos. Foi por isso que defendeu o *fato social total*, em oposição ao *fato social* de Durkheim. É exatamente pela maior precisão desta conceituação que defendo que a *condição comunicacional do ser humano* é o *fato psicopolítico total* (Ouriques, 2019).

A fetalização humana condiciona o ser humano a instituir-se na escuta da *voz da mãe* e assim o permite aprender a amar a finitude, a transitoriedade, o sofrimento e a morte, pois é o lugar do testemunho do Nada absoluto, para além do ponto de vista humano -o lugar em que abre-se claramente o mundo como de “co-originação dependente”, no qual tudo se relaciona com tudo o mais. A *condição comunicacional* parece ser da mesma qualidade daquilo que permite ver, quando se vê o mundo por sua luz, como disse Keiji Nishitani ao final de seu livro *The Self-overcoming of Nihilism*, que não há nada no mundo que surja do “autopoder” e, no entanto, todos os trabalhos “auto-alimentados” surgem do mundo (Nishitani, 2013: 190).

A *condição comunicacional* é, assim, o *lugar-duração* em que o ser humano aparece, instaura-se e desaparece como *diferença*, em conversa com a *semelhança* (Ouriques, 2006) -como manifestação da natureza criativa de toda personalidade, como entendido por Bergson, manifestação não-finalista (portanto sem *causas finais*, como na metafísica) e não-mecanicista (portanto sem *causas eficientes*, como na ciência e na pós-modernidade).

Na relação com o/a filho/a e o/a irmão/ã, seja a mãe, seja o pai, seja o/ irmão/ã, sejam as funções-mãe, pai e fraterna, experimenta-se a estranheza de si-mesmo na relação com este outro que a, um só tempo, é-*si-mesmo-e-outro*, e que se vai para

20 Um dos neotardeanos contemporâneos mais importantes, ocupou até o seu falecimento em 9 de outubro de 2022, a Cátedra Gabriel Tarde no Institut d’Études Politiques de Paris. Para ele, desde uma perspectiva pós-Durkheim e pró-Tarde, o redescobrimto de Gabriel Tarde é um começo alternativo para uma ciência social alternativa.

o mundo, que se ama e que se quer que se vá, com o/a qual se exercita talvez um desapego-matriz para superar este conflito, este desconforto que é relacionar-se pela via da razão instaurativa com o *nada* que é *nada mesmo*, *Nada absoluto*; que não procede do *ser* como ente supremo -no qual não há *vontade de poder*.

É este *fato psicopolítico elementar* que me possibilita sustentar uma *Terceira Estrutura da Verdade*: o *Real* é a *condição comunicacional* e seu fundamento a *verdade* dos estados mentais imanentes de *segurança e proteção* que a constituem não como “conhecimento absoluto” mas como conhecimento aberto- é-aí está a *confiança*, este vínculo que é destruído pelo dualismo, quando se recusa a ausência de controle sobre o nascer e o morrer, vínculo no qual, e só nele, é possível agir, pensar e criar a um só tempo o que é novo e é repetição, qual a voz do chefe das sociedades ameríndias, pois o que não é real é a ausência de comunicação: ausência de comunicação intrapessoal, interpessoal, política, econômica, étnica, tecnológica, etc.

É-aí, no nascimento e em sua repetição universal “concreta”, nesta *banalidade*, a *dádiva* por excelência (Godbout, 199:250), a presença do *inefável*²¹, o momento de vida e de morte no qual o ser humano que nasce tem vontade de respirar e assim mostra querer instaurar-se em sua *singularidade*. É por isto que a teoria psicopolítica, radicalmente distinta das outras abordagens do “psicopolítico” (Ouriques, 2017; 2020; 2021), é, como disse, um *pensamento respiratório*, sincronizado portanto com o Yoga²². Trato portanto, posso dizer, não de uma *teoria da verdade*, resultante de uma razão instaurativa, mas de uma *teoria do significado*, no sentido de uma razão esclarecedora, da razão com sabor de mel que esclarece a *condição comunicacional*, emblemática do funcionamento do mundo, que a rigor co-existe antes de existir.

Neste sentido, a *condição comunicacional* é a da *physis* -da demasia, da ordem e do caos, da justiça e da injustiça, etc., do que se produz e dura. Pois sua *união*, sua *pacificação*, digo eu, sua *comunicação*, uma vez que “o contrário em tensão é convergente”²³, ocorre, como mostra Heráclito [“que negou a dualidade de (...) inteiramente diversos” e, assim, “negou, em geral, o ser” (Nietzsche)²⁴], no vigor de *logos* como *alethéia*. Esta que é a um só tempo *verdade* e *realidade*; quando *logos* é compreendido não como *doutrina dos discursos*, *logoi*, portanto como *razão instaurativa*, como *enunciado* de uma *ideia* movida pela *vontade de poder* de uma inteligência particular mas como *razão esclarecedora*, pois escuta *physis*.

Para os pré-socráticos, sabemos, o *logos* -“Heráclito medita aqui um escutar e um dizer. Expressa o que diz o *Logos*: Hèn Pánta, Um é tudo” (Heidegger, 1978:111)-

21 Ou seja, aquilo que, em razão de sua natureza, força e beleza causam imenso prazer, que inebria por ser delicioso, encantador.

22 Agradeço à referida yogaterapeuta Estelita Oliveira de Amorim Ouriques, praticante do Yoga já fazem 40 anos, por isso.

23 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VIII, 2. 1155 b 4: Heráclito (*dizendo que*) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia.

24 Parágrafo V, *A filosofia na época da tragédia grega*. Edições 70. Por isto Heráclito foi acusado por Platão de incoerência e por Aristóteles por negar a lei da não-contradição.

é o que comunga a *demasia* de *physis*. *Logos* não está *Fora* de *physis*: é “aquilo que reúne na presença tudo que se apresenta e assim o deixa-estendido-adiante” (*id.*:121). Ele é o que une o *panta rei*, o *tudo flui*. Conservando, claro, suas tensões. *Logos* é, assim, entendo, a *comunicação* de tudo que existe no dar-se e recolher-se.

Trata-se de escutar a *verdade* como *alétheia*, em uma postura epistemológica -a de *falar de dentro*, de cantar e dançar *de dentro*, que Marcio Tavares d’Amaral lucidamente experimenta com “mão de criança”, como “alegre esperança” - em relação a qual Heráclito foi enfático. Ele, que Heidegger entendeu como “o claro” “porque, questionando, pensa em direção à luz de clareira” (*id.*:249); “portanto obscuro para os leitores demasiado apressados” (Nietzsche)²⁵.

A vontade é fenômeno no qual não existe uma distinção entre o interior e o exterior.

Trata-se portanto de decidir entre uma vontade de instaurar e uma vontade de esclarecer, pois nada é anterior à determinação da vontade. É na respiração, na vontade de viver, ali na *cæsura de nascimento*, descrita também por Freud, na qual o bebê experimenta sair de um mundo aquático e entrar de uma só vez em um mundo aéreo, que está inscrita a necessidade do *outro*; de levar o *outro*, tanto o ar, para dentro de si, quanto o *outro* com o qual ele experimenta o estado mental de segurança e proteção indispensável para que possa fazer o mundo lhe falar de maneira favorável; por isto todos os sistemas políticos se sustentam na eficácia de garantir segurança e proteção, como se pode ver nas campanhas eleitorais.

A centralidade da vontade, seja no processo soteriológico da alma e seja no processo emancipatório psicopolítico, fica ainda mais clara, se restar ainda alguma dúvida, quando se sabe (Ouriques, 2016) que Harlan Ullman e James Wade Jr., os criadores da metodologia *Shock & Awe*, parte da doutrina da psicopolítica da *Rapid Dominance* aplicada no Brasil de maneira sinistra, em especial, a partir do dia seguinte do golpe contra o governo de Dilma Roussef, parte do conjunto das estratégias de “efeitos-de-percepção”, e destinada a “adquirir rápido domínio” sobre “a vontade do adversário” afirmam:

O objetivo da ‘Rapid Dominance’ será destruir ou confundir a vontade de resistir de um adversário que não terá alternativa senão aceitar nossos objetivos estratégicos e objetivos militares. Para atingir esse resultado, a ‘Rapid Dominance’ deve controlar o ambiente operacional e, através desse domínio, controlar o que o adversário percebe, entende e conhece, além de controlar ou regular o que não é percebido, compreendido ou conhecido (Ullman & Wave Jr., 1996:xi).

Tal operação de perda induzida do *self* (Nandy, 2011) - portanto da capacidade de julgar- e da conexa e referida sujeição criminal no âmbito do *Direito Penal do Inimigo*²⁶), é obtida pelas *operações psicopolíticas*, pois psicológicas com fins políticos,

25 Parágrafo VII, *A filosofia na época da tragédia grega*. Edições 70: Portugal.

26 <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/419/edicao-1/direito-penal-do-inimigo>

operações que de acordo com o *Joint Chiefs of Staff* (1996, 2000, 2003, 2010), que reúne as forças armadas dos Estados Unidos no propósito da dominação de espectro completo, assim são definidas:

As operações psicológicas (PSYOP) são operações planejadas para transmitir informações e indicadores selecionados para o público estrangeiro de maneira a influenciar as emoções, as motivações, o raciocínio objetivo e, finalmente, o comportamento de governos, organizações, grupos e indivíduos estrangeiros. As PSYOP são uma parte vital da ampla gama de atividades diplomáticas, informativas, militares e econômicas dos EUA. (...) Quando empregadas corretamente, as PSYOP podem salvar vidas de forças amigáveis e/ou adversárias através da redução da vontade dos adversários de lutar. Ao reduzir a moral do adversário e reduzir sua eficiência, as PSYOP também podem desencorajar ações agressivas e criar dissidências e desamor [*disaffection*, no original] em suas fileiras, induzindo finalmente a rendição (Joint Chiefs of Staff, 2003:ix).

A *vontade* é, ao mesmo tempo, sublinha Kitaro Nishida, fundador da Escola de Kyoto, um fenômeno espiritual distinto da ação no mundo externo, e um fenômeno no qual não existe uma distinção entre o *interior* e o *exterior*. Sua centralidade para a *consciência* reside no fato de que ela é a passagem de uma imagem mental para outra. Ou seja, querer isto ou aquilo significa “apenas” dirigir nossa atenção para uma ou outra imagem mental. A *vontade* aparece exatamente “quando o sistema da atenção ocupa a consciência e se unifica com ela” (Nishida, 2016: 42-43).

Daí Mattelart ter lembrado no início dos anos 2000 que em nossos dias tornou-se dramático o fato da liberdade não poder mais ser apenas a expressão da vontade mas precisar passar necessariamente pelo controle do processo de formação da vontade, pois frequentemente ela é cega e como está na base da razão as consequências são aquelas características da pandemia mental que se está experimentando em escala global, seja no horror nas redes sociais, seja na forma da Guerra na Ucrânia, seja no que aconteceu e está acontecendo no Brasil, e que avisei no início dos anos 2000 que iria acontecer. A liberdade, a emancipação frente aos regimes de servidão, depende do controle da consciência, lembrando que seu território, o *território mental*, não está limitado, como mostrou Nishida, ao interior do indivíduo, pois “o indivíduo nada mais é do que um pequeno sistema no interior da consciência” (*id.*: 52).

É-*aí*, no exercício terapêutico de requalificar a capacidade de julgar, que então se desloca gradativamente para uma vontade fundada em uma ontologia não-dual, ou seja, no entendimento do sentimento de comunhão universal onde a *vontade* e o *conhecimento* se reconciliam pela consciência do reencontro, como demonstra Loundo, entre a noção budista de ‘co-originação dependente’ (*pratityasamutpāda*), que aponta para a constitutividade mútua entre os entes, e a noção hindu de ‘co-operação solidária’ (*parasparopakāryopakāraka*), que aponta para a amorosidade

mútua entre os seres, como é evidente na *condição comunicacional do ser humano*: pois *é-aí* o lugar do amor, o ser-amor-aí, este outro nome da justiça social, da equidade econômica e da segurança ambiental, referência para a capacidade de julgar que gera as ações que nos unem ao bem de nossas famílias, amigos, colegas, vizinhos, comunidades, países, enfim, ao bem de toda a humanidade, diria aqui Nishida; pois aí, nesta *condição*, a *comunicacional*, que a substância originária do universo, “o poder de realização da identidade entre sujeito e objeto” (*ib.*:184), se faz mais presente, de modo transcultural, no espaço e no tempo.

É no exercício deste poder de realização da identidade entre sujeito e objeto, entre eu e você, entre nós e as coisas, quando desaparecem as ilusões da subjetividade, e portanto abandonamos nosso si mesmo nos tornando puramente objetivos é que “mais e mais profundo se torna o nosso amor», isto é, a nossa experiência de comunicação, quando somos mais do que as mães uns dos outros, mas somos parceiros uns dos outros como bem sintetiza²⁷ Dilip Loundo.

E quero concluir este momento ainda com Nishida, o que faço não só por sua profunda sabedoria mas também como uma singela homenagem à minha amada filha Úrsula Mey que vive justamente em Kyoto desde 2022, estudando japonês avançado, praticando Aikido com a Yoko Okamoto Sensei e trabalhando: “Do amor parental e conjugal se desenvolve o amor entre amigos, e do amor entre amigos ele avança para o amor à humanidade. O amor de Buda se estendia aos animais e às plantas” (*ib.*: 215); “O amor é o momento supremo do conhecimento” (*ib.*:16). Por isto a terapia, reconhece Nietzsche, é não-moral, mas fisiológica, e se acha no coração dos ensinamentos do Buda: “não é pela inimizade que se chega ao fim da inimizade, é pela amizade que se põe fim à inimizade” (Nietzsche, 2008:20). Trata-se, sem dúvida, de um conjunto de ensinamentos emancipatórios, soteriológicos, clínicos, sobre o amor, este outro nome da comunicação -trata-se da *doutrina do mel*.

27 Em nossa conversa no maravilhoso almoço que desfrutamos no Restaurante Árabe, Goiânia, em 10 de outubro de 2022, por ocasião do XIX Encontro Nacional da ANPOF, para o qual havíamos ido apresentar nossas comunicações no amado GT de Filosofia Oriental.

Referências bibliográficas

- CAMPBELL, Joseph (1994). *As máscaras de Deus: mitologia oriental*. Editora Palas Athena: São Paulo.
- GORI, Pietro (2017). *A caminho de uma filosofia sem alma: uma abordagem psicofísica sobre a crítica da subjectividade de Nietzsche*. in *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v.38, n.2, maio/agosto, 2017. p. 13-35.
- HEIDEGGER, Martin (1978). *Logos* (Heráclito, Fragmento 50). in Souza, José Cavalcante de Souza (Seleção de textos e supervisão). *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Abril Cultural: São Paulo. pp. 11-123.
- JOINT CHIEFS OF STAFF (1996). *Joint vision 2010. America's Military: Preparing for Tomorrow*. June 2000. US Government Printing Office: Washington.
- JOINT CHIEFS OF STAFF (2000). *Joint vision 2020. America's Military: Preparing for Tomorrow*. US Government Printing Office: Washington.
- JOINT CHIEFS OF STAFF (2003). *Doctrine for joint psychological operations*. Joint Publications 3-53. US Government Printing Office: Washington.
- JOINT CHIEFS OF STAFF (2010). *Psychological operations*. Joint Publications 3-13.2. [This publication supersedes JP 3-53, 5 September 2003, Doctrine for Joint Psychological Operations]. US Government Printing Office: Washington.
- LOUNDO, Dilip (2022). *Razão com sabor de mel: ensaios de filosofia indiana*. Editora PHI: Campinas.
- MASSUMI, Brian (2017). *O que os animais nos ensinam sobre política*. n-1 Edições: São Paulo.
- MISSE, Michel (2018). *Una identidad para el exterminio: sobre la sujeción criminal y otros escritos*. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen III. [Prólogo de Evandro Vieira Ouriques]. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile.
- NANDY, A. (2011). *The intimate enemy: loss and recovery of Self under colonialism*. Oxford India Paperbacks: New Delhi.
- NIETZSCHE, Friedrich (2008). *Ecce Homo: como se chega a ser o que é*. Universidade da Beira Interior: Portugal.
- NISHIDA, Kitaro (2016). *Ensaio sobre o bem*. Editora PHI: Campinas.
- NISHITANI, Keiji (1990). *The self-overcoming of nihilism*. State University of New York Press: Albany.
- OURIQUES, Evandro Vieira. (2009). "Território mental: o nó górdio da democracia". in *Revista Democracia Viva*, IBASE. No 49, maio de 2009. IBASE: Brasil.
- OURIQUES, Evandro Vieira (2016). *Informação, comunicação e psicopolítica: sobre a estratégia do conhecimento e compreensão quase totais e absolutos do self, do interlocutor e do ambiente*. in *Informação e Gestão: ensino, pesquisa e*

- extensão. UFRJ/Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas /Faculdade de Administração e Ciências Contábeis e E-papers: Rio de Janeiro.
- OURIQUES, Evandro Vieira (2017). *Teoria psicopolítica: a emancipação dos aparelhos psicopolíticos da cultura*. [Prólogos Carlos del Valle Rojas y Michel Misse]. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen I. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile.
- OURIQUES, Evandro Vieira (2019). *A condição comunicacional do ser humano e o rosto da sombra: sobre a terceira estrutura da verdade e terapia filosófica*. in *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, n. 12. AGLP: Santiago de Compostela. 13-45.
- OURIQUES, Evandro Vieira (2022). *Sobre a contribuição da obra de Marcelo Serpa à Teoria psicopolítica*. in *Elecciones espectaculares: como Chávez conquistó Venezuela*. Prólogo a la Edición en castellano. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen IV. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile.
- PARKES, Graham (2013). “*Nietzsche e Nishitani: sobre a superação do niilismo*”. in Florentino Neto, Antonio & Giacoia Jr. (Orgs.) (2013). *O Nada absoluto e a superação do niilismo: os fundamentos da Escola de Kyoto*. Editora PHI: Campinas. pp. 189-204.
- POULAIN, Jacques (2017). *Sobre la capacidad de juzgar*. [Prólogo Evandro Vieira Ouriques]. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen II. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata / Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile.
- RAE, Gavin & INGALA, Emma (Eds) (2019). *The meanings of violence: from critical theory to biopolitics*. Taylor & Francis: New York.
- SARCINELLI, J. S.; IACHAN, A. C.; OURIQUES, E. O.; WÄHNER, J.; VERGARA, M.; OLIVEIRA, R.; OURIQUES, E. V. (2020). *Algoritmos filosóficos e a superação psicopolítica da fakemind: sobre a terapia filosófica da peste emocional*. Coleção Fluxo Mental, Volume I. Co-edición do Núcleo de Estudos de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica-NETP/Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Proyecto Anillo SOC180045 Converging Horizons/ Universidad de La Frontera/ANID/ Ministerio de Ciencia, Tecnología, Conocimiento e Innovación/Gobierno de Chile e do Doctorado en Comunicación/Universidad de La Frontera y Universidad Austral de Chile.

SERPA, Marcelo (2022). *Elecciones espectaculares: como Chávez conquistó Venezuela*. [Prólogo Evandro Vieira Ouriques]. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen IV. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina y Universidade de Groningen/Holanda: Temuco, Chile.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.